

TEATRO

16, 17 ABRIL 2015

Cineastas

de Mariano Pensotti

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Texto e encenação Mariano Pensotti **Com** Horacio Acosta, Javier Lorenzo, Vanesa Maja, Juliana Muras e Marcelo Subiotto **Cenário e figurinos** Mariana Tirantte **Música e desenho de som** Diego Vainer **Desenho de luz** Alejandro Le Roux **Direção de cena** Leandro Orellano **Engenheiro de som** Ernesto Fara **Assistência de cenografia** Gonzalo Córdoba Estevez **Produção** Florencia Wasser **Produção executiva na digressão europeia** Judith Martin/Ligne Directe **Coprodução** Grupo Marea, KunstenfestivaldesArts, Wiener Festwochen, Hebbel Am Uffer, Holland Festival, Theaterformen, Festival d'Automne à Paris, Complejo Teatral de Buenos Aires e El Cultural San Martín **Estreia** 16 de maio de 2013, KunstenfestivaldesArts, Bruxelas

Uma colaboração Culturgest e Teatro Maria Matos que incluiu também a apresentação no Maria Matos, nos dias 11 e 12 de abril, de *El pasado es un animal grotesco*.

Qui 16, sex 17 de abril

21h30 · Grande Auditório (lotação reduzida) · Duração: 1h45 · M14
Em espanhol, com legendas em português.

Cineastas

Cineastas centra-se nas histórias de quatro realizadores de Buenos Aires e os filmes que rodam ao longo de um ano. De modo simultâneo representam-se por um lado as vidas pessoais dos cineastas, as circunstâncias em que se encontram, e por outro os filmes que realizam. Nalguns casos as vidas dos cineastas influenciam claramente as suas obras cinematográficas e noutros, pelo contrário, é a realização desses filmes, o desenvolvimento dessas ficções, aquilo que transforma as suas vidas privadas.

O espaço em que tem lugar a peça é uma cenografia que apresenta dois cenários simultâneos, um para as vidas e outro para as ficções, permitindo contrastar esses dois planos que são contados ao mesmo tempo.

Um realizador de filmes comerciais fica a saber que tem uma doença incurável e modifica a comédia que está a dirigir para que inclua acontecimentos da sua vida pessoal e do que se passa com ele. Uma realizadora experimental separa-se do marido enquanto realiza um documentário sobre a separação da União Soviética através dos seus filmes musicais. Um realizador independente filha de um desaparecido recebe a encomenda para fazer um filme sobre um desaparecido que inesperadamente regressa vivo em 2013 e desequilibra a vida burguesa dos seus filhos. Um cineasta muito pobre que trabalha no McDonald's para sobreviver rouba dinheiro para fazer um filme que

procura ridicularizar as multinacionais e o seu imaginário.

As obras de arte são cápsulas de tempo que captam as nossas efémeras vidas para a posteridade? Ou na realidade as nossas vidas são veículos para que as obras de arte se eternizem, fazendo-nos repetir coisas que já vimos nelas centenas de vezes? As nossas ficções refletem o mundo ou o mundo é uma projeção distorcida das nossas ficções?

A peça constrói-se sobre a tensão entre o efémero e o duradouro. O cinema tem a pretensão de captar a experiência, de capturar o tempo, enquanto que o teatro, tal como a vida, é uma experiência efémera em que o tempo se dilui. O contraste entre as vidas dos cineastas, impreserváveis, e os seus filmes, obras que esperam que durem para sempre, está permanentemente presente.

Interessava-nos explorar uma faceta particular da complexa relação que existe entre realidade e ficção: de que maneira a vida, as experiências quotidianas, influenciam as ficções e sobretudo em que medida as nossas vidas foram construídas a partir de ficções. O cinema, e a arte em geral, como formadores de personalidade: somos o que os filmes, os livros e a televisão nos fizeram ser.

Há três anos comecei a realizar uma série de entrevistas a diferentes cineastas de Buenos Aires. Interessou-me explorar o vínculo entre as suas vidas privadas e os seus filmes, centrando-me

especificamente no que lhes acontecia enquanto estavam a filmar um projeto, quanto das suas circunstâncias pessoais estava nele presente e que coisas da sua vida se modificavam pelo contacto com essa ficção.

Uns tempos depois comecei a fazer entrevistas a diversas pessoas para tentar descobrir quanto das suas vidas tinha sido modelado pelas ficções que tinham consumido ao longo dos anos. De que maneira reagiam às experiências seguindo padrões que tinham visto antes em filmes, por exemplo.

Este foi o ponto de partida de *Cineastas*. Das entrevistas originais ficou muito pouca coisa na peça, que é completamente ficcional, já que a ideia não era desenvolver um trabalho documental mas pelo contrário explorar ao máximo as possibilidades da ficção na construção de um mundo.

Lateralmente a peça propõe-se como o possível retrato de uma cidade, Buenos Aires, através do recorte particular das histórias dos seus cineastas. A cidade, também cenário do contraste entre o efémero (os habitantes) e o duradouro (a cidade em si), como um espaço suscetível de ser narrado através das vidas reais dos seus habitantes mas também a partir das ficções que estes constroem. Buenos Aires, muito presente nas histórias, uma cidade particular na qual os seus habitantes se veem refletidos com frequência não tanto naquilo que são mas naquilo que julgam ser.

Nunca conhecemos as cidades pelas histórias dos seus habitantes, conhecemo-las pela sua produção ficcional.

Em *Cineastas*, um reduzido elenco de cinco atores representa e conta absolutamente tudo, encarnando uma multidão de personagens. Sem a utilização de filmagens ou vídeo são os atores os únicos responsáveis por tornar presentes tanto as vidas como os filmes em cena. Existe algum tipo de cinema efémero? É possível no teatro a construção de algo que perdure? Num esforço que assumem como épico os atores tentam dar corpo a estas perguntas.

O espaço onde se desenvolve a peça é um dispositivo que apresenta dois cenários em simultâneo, um para as vidas e outro para as ficções, à maneira de um recurso clássico do cinema, o *split screen*, que permite contrastar dois acontecimentos que têm lugar ao mesmo tempo.

Nos últimos tempos tornou-se frequente muitos filmes de produção internacional serem rodados em Buenos Aires. É uma cidade barata e fundamentalmente muitas das suas ruas lembram ruas de outras cidades, na sua maioria europeias, como se a própria cidade também fosse uma reprodução ficcional de outros lugares preexistentes, lugares que em muitos casos já não existem nas suas cidades originais por causa das guerras ou das alterações políticas dos últimos cem anos.

Uma cidade que preserva cidades desaparecidas, ou uma cidade que são várias sobrepostas, uma em cima da outra.

A sobreposição de duas ideias que formam uma terceira foi justamente aquilo em que pegou Eisenstein para a

sua teoria da montagem cinematográfica. Muitos dos seus conceitos surgem dos ideogramas japoneses onde duas imagens sobrepostas formam uma terceira. A montagem segundo ele é: “Uma ideia que surge da colisão dialética de outras duas”.

As vidas e as suas ficções também colidem para formar talvez um terceiro plano.

Em *Cineastas* a narração e a representação estão de alguma forma dissociadas, com a presença de um narrador ao vivo que conta coisas que não se veem em cena. Como se fosse a voz *off* de um filme, o narrador completa a vida das personagens a partir do que vemos representado, e ao mesmo tempo torna presente a ideia de como contar algo transforma os acontecimentos narrados mas também o narrador.

Se o passado das personagens é feito de relatos, o presente é construído por ficções.

Palavras de alguns cineastas:

Comecei com a ficção e descobri o real, mas por trás do real está de novo a ficção.
Jean-Luc Godard

O cinema consiste em que finalmente o ser humano conseguiu preservar o tempo.
Andrei Tarkovski

Só o efémero é duradouro.
Ingmar Bergman

O meu tempo é pessoal, desmesurado. Se um tipo vive cinquenta anos eu quero fazer cinquenta anos de filme.
Leonardo Favio

Mariano Pensotti

Uma arte conceitual com sangue nas veias

Seis perguntas a Mariano Pensotti

Pode dizer-se que *El pasado es un animal grotesco* e *Cineastas* formam um díptico na tua obra? De que maneira se distinguem dos teus outros espetáculos?

El pasado es un animal grotesco e *Cineastas* têm muitos pontos em comum, partilham a intenção de serem “megaficções” construídas a partir de histórias reais juntamente com outras imaginadas, que de alguma forma se propõem como uma experiência cénica que pega em elementos dos romances-mundo do século XIX, nos quais os autores incluíam elementos reais das suas vidas e histórias inventadas juntamente com acontecimentos políticos e sociais do tempo que viviam. As duas peças também partem da ideia de contar histórias ambiciosas a partir de elementos mínimos e com um grupo muito reduzido de atores. De um ponto de vista dramaturgíco foram ambas pensadas mais como romances do que como peças de teatro e o sistema mediante o qual são postas em cena foi desenvolvido durante um processo de ensaios bastante longo e complexo, com uma grande colaboração por parte de toda a companhia.

Nas duas peças utilizamos dispositivos cénicos que contêm os atores e que ao mesmo tempo funcionam como organismos vivos e não como mera decoração para a ação.

De um ponto de vista mais conceptual creio que tanto *El pasado es un animal*

grotesco, que conta a vida de quatro pessoas da minha geração ao longo de dez anos com o pano de fundo constante dos acontecimentos políticos desses anos, como *Cineastas*, que se centra nas vidas e nos filmes de um grupo de cineastas de Buenos Aires, são sobre a construção da identidade. Em *El Pasado* de alguma forma a ideia central é que somos o que narramos, todos construímos uma ficção de nós próprios ao longo do tempo e modificamos o nosso passado de cada vez que o contamos. Passar dos 25 aos 35 anos é também deixarmos de ser o que imaginamos que vamos ser para nos transformarmos naquilo que afinal vamos ser. No caso de *Cineastas* uma das ideias principais é que todos construímos ficções permanentemente mas ao mesmo tempo somos feitos de ficções.

As duas peças foram desenvolvidas durante um período em que realizei várias “intervencões urbanas” em espaços públicos e o interesse sobre como a nossa ficção transforma a realidade e ao mesmo tempo de que maneira a realidade incide nas nossas ficções está muito presente.

Falas de construir “megaficções” com “recursos cénicos mínimos”. Como se situa esta mistura de ambição e minimalismo na produção portenha contemporânea?

Julgo que somos uma companhia bastante fora do comum para Buenos Aires. Por um lado temos alguns elementos característicos do teatro portenho: o peso dos atores e o foco na representação, a criação através de longos pro-

cessos de ensaios, a falta de dinheiro ou apoio institucional local, uma determinada tradição literária vinculada à narrativa rio-platense... Mas por outro lado temos-nos interessado por caminhos bastante atípicos para o nosso meio: o desejo de contar histórias complexas onde a realidade e a ficção frequentemente colidem, ser um grupo formado por artistas provenientes de disciplinas distintas, a construção de dispositivos cénicos complexos, a produção de peças para sala mas também de intervenções urbanas, instalações e colaborações diversas com outros artistas que geram pontos de partida muito diferentes para cada projeto novo. Claro que qualquer criador dialoga com o lugar específico onde produz, nesse sentido julgo que

algumas das nossas características têm a ver com uma certa tradição portenha e outras são claramente uma reação contra ela.

Como se relaciona a amplidão do tempo ficcional que constróis com o tempo da experiência teatral concreta, aqui e agora?

Uma das coisas que mais me interessa no acontecimento teatral é justamente a sua relação com a passagem do tempo, ao contrário do cinema que tem a pretensão de capturar o tempo, de preservar a vida, o teatro continua a ser uma experiência efémera, puro aqui e agora. Desenvolver peças onde a passagem do tempo é tematizada e o contraste entre o efémero e o duradouro



© Carlos Furman

um conflito frequente nas personagens parece-me que faz muito sentido dadas estas características específicas do teatral. *El Pasado* e *Cineastas* são peças onde os atores levam avante um esforço um pouco épico para contar uma multiplicidade de histórias ao longo de quase duas horas e esse esforço creio que também põe em relevo a temporalidade. Alguém me disse uma vez que ver os atores de *El Pasado* dar vida a todas aquelas personagens e contar aquelas histórias ao longo da peça era como vê-los envelhecer durante dez anos.

A narração e a voz off são recursos que costumamos associar à literatura e ao cinema; o que acontece ao teatro quando os utilizas?

Interessa-me a dissociação que se produz entre narração e representação, a possibilidade de os atores estarem a fazer uma cena que conta algo mas ao mesmo tempo acrescenta-se mais uma coisa por cima, o narrador ao vivo, que completa ou ressignifica o que se mostra em cena. Para além disso sobressai, torna-se visível, a componente fortemente literária de ambas as peças. Os meus textos, que escrevo sempre antes de começar a ensaiar com os atores, mais costumam parecer pequenos romances ou coleções de contos, e não tanto textos teatrais. O narrador permite-me contar um tipo de histórias que talvez fosse impossível se todo o peso narrativo estivesse apenas na cena.

Ao contrário do que costuma ser a voz *off* no cinema, nós desenvolvemos um narrador em cena, a sua presença como mais uma personagem da ação

torna-o alguém que modifica a situação que estamos a ver e ao mesmo tempo também é modificado por ela. De algum modo o narrador é um observador que transforma o que observa e que é ele próprio transformado por isso. Não há narração que deixe alguém incólume.

Gosto muito de uma noção que referia Borges, a de que nós humanos narramos enquanto somos narrados, contamos a vida dos outros enquanto há outros que contam a nossa.

El Pasado e *Cineastas* são peças onde a presença do narrador também é fundamental porque são peças onde o conflito de como contar uma vida e um tempo está permanentemente presente.

Como na história da rapariga cujos sapatos vermelhos não a deixam parar de dançar, os dispositivos cénicos nestas peças não deixam os atores parar de contar histórias. O chegaste a eles e qual a sua importância para o teu teatro? Contar histórias é uma compulsão?

Exatamente. Os dispositivos cénicos que montamos são “máquinas de contar histórias”. Os atores parecem estar presos dentro destes mecanismos que às vezes dão a impressão de ter vida própria e que não lhes permitem escapar desta compulsão narrativa. No caso de *El Pasado*, o cenário não para de girar e lembra a passagem do tempo, que não se detém, mas também as várias páginas de um livro que vai passando frente ao olhar do espectador. É para além disso uma espécie de longuíssimo plano-sequência cinematográfico onde o tempo se converte em espaço. Em

Cineastas, onde há um cenário por cima de outro e a ação decorre simultaneamente em ambos, mostrando realidade e ficção de maneira entrelaçada, pensamos que se cria um terceiro plano na cabeça do espectador.

Em todos os casos os dispositivos resultam de um longo processo de investigação tanto com Mariana Tirante, a cenógrafa, como com o resto da equipa. Muitas vezes a aparição destes dispositivos faz com que eu modifique os textos originais em função do que se vai produzindo com os atores ao interagirem com os mecanismos.

Jacques Rivette (ou talvez Godard) terá dito que um filme é sempre o documentário da sua rodagem. Estes espetáculos são documentários? Sobre Buenos Aires? Sobre ti?

Cineastas pode ser vista como a tentativa de contar uma cidade não através das vidas dos seus habitantes mas através das ficções que eles produzem. Tal como um documentário é sempre um pouco uma ficção, as ficções que construo têm sempre algo de documental no seu fundo.

Interessam-me as peças que se envolvem de maneira intensa com as pessoas que as fazem e também com os espectadores e não só que desenvolvam ideias ou conceitos de uma maneira fria ou distante. Julgo que aquilo de que gosto, definitivamente, é de uma arte conceptual mas com muito sangue nas veias. *El Pasado* e *Cineastas*, peças que falam insistentemente do real e do ficcional, foram convites e desafios a mim próprio para incluir nelas acontecimen-

tos reais da minha vida e de pessoas que conheço. Não como exibicionismo, algo que não tem para mim qualquer interesse, nem como forma de fazer aparecer “o real”, mas antes como experiência de ver o que acontece ao converter a vida em ficção e a ficção em vida.

Mariano Pensotti

Mariano Pensotti nasceu em Buenos Aires em 1973. Estudou cinema, artes visuais e teatro em Buenos Aires, Espanha e Itália.

Formou o grupo Marea com a cenógrafa Mariana Tirantte e o músico Diego Vainer. Em teatro, enquanto autor e encenador, criou mais de quinze espetáculos nos últimos dez anos. Tornou-se um dos mais destacados encenadores experimentais da atualidade, tendo obtido vários prêmios e bolsas. As suas obras foram apresentadas na Argentina e em festivais e teatros da Bélgica, Alemanha, França, Irlanda, Letónia, Brasil, Canadá, Japão, Áustria, Espanha, Chile, Inglaterra, Dinamarca e Suíça.

Das suas peças mais recentes, para além de *El pasado es un animal grotesco* (2010-12) e *Cineastas* (2013), destacam-se *A veces creo que te veo* (2010-11, parte do festival *Ciudades Paralelas*), *Enciclopedia de vidas no vividas* (2010) e *La Marea* (2005-11).

No seu trabalho desenvolveu duas linhas diferentes: uma composta de espetáculos para palco, onde escreve os seus próprios textos literários e a peça assenta fortemente no trabalho com os atores; noutra, paralela, produziu diversos espetáculos *site-specific* onde a intenção principal é criar um contraste particular entre ficção e realidade, com a ficção a ser representada em lugares públicos.

www.marianopensotti.com

Próximo espetáculo

João Mortágua Quarteto

Janela Ciclo “Jazz +351”
Comissário: Pedro Costa

Jazz Sáb 18 de abril

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Amaral Moreira

“O sax alto de Mortágua ouve-se com o maior dos prazeres. Tem um sopro próprio e uma elasticidade que vai de Lee Konitz a John Zorn (...). O trabalho de guitarra de Miguel Moreira é excelente (...) a ação combinada do baixista José Carlos Barbosa e do baterista José Marrucho mantém tudo o mais a pulsar com uma solidez inebriante. Rui Eduardo Paes, *jazz.pt*, crítica 4 estrelas a *Janela*.”

Próximo espetáculo de teatro

Ganesh Versus the Third Reich

Ganesh Contra o Terceiro Reich
de Back to Back Theatre

Teatro Qui 14, sex 15 de maio

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h40 · M12



© Jeff Busby

Ganesh, deus da superação dos obstáculos, viaja pela Alemanha Nazi para recuperar a suástica, enquanto uma segunda narrativa explora quem tem o direito de contar uma história e de ser ouvido. Espetáculo por uma das mais celebradas companhias australianas a que o New York Times chamou “um tónico vital para aguçar os sentidos de espectadores que acham que já viram tudo.”

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Sara Amaral

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
